Análise inédita mostra toninha em alto risco de extinção

O número do golfinho entre Rio e Espírito Santo é a metade do mínimo considerado seguro pelos pesquisadores

Cláudio Motta

RIO - Restam apenas 2 mil toninhas no litoral dos estados do Rio e do Espírito Santo. A estimativa, parte de uma pesquisa que será apresentada em junho no Panamá, deixa especialistas em alerta. O número representa menos da metade do mínimo de população considerado seguro do único golfinho ameaçado de extinção no Brasil, cerca de 5.500.

Outra forma de entender como é extremamente baixo o número de toninhas entre o Rio e o Espírito Santo é compará-lo com o encontrado entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai: 42 mil, de acordo com as últimas estimativas (1996).

Pesquisadores da ONG Instituto Aqualie, com a participação de especialistas de cinco universidades brasileiras e apoio do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e da agência federal americana para oceanos e atmosfera (National Oceanic and Atmospheric Administration), fizeram sobrevoos entre dezembro e janeiro. No litoral carioca e capixaba, foram avistadas 46 toninhas em 20 grupos de um a seis animais.

Depois do trabalho de campo, os especialistas realizaram cálculos estatísticos, também alimentados por informações sobre o cetáceo. Por exemplo, a toninha costuma gastar cerca de dois segundos na superfície, quando é avistada, para respirar. Assim, é possível fazer uma estimativa da população total. Incluindo a margem de erro, a conclusão é que há de mil a 4 mil toninhas, sendo que a maior probabilidade é que haja 2 mil.

Já para determinar o mínimo seguro, as estimativas estipulam como aceitável ter 2% das mortes causadas pelo homem. Os últimos dados disponíveis, de dez anos atrás, mostram que 110 toninhas morreram nesta região, sobretudo por causa da pesca acidental, quando o número não poderia ultrapassar 40.

— A toninha está caminhando para a extinção — disse o coordenador da pesquisa e professor da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, Bahia, Daniel Danilewicz. — Não encontramos qualquer toninha nas praias da capital fluminense. A maior quantidade foi avistada a região do Parque de Jurubatiba.

Os pesquisadores pretendem fazer novos sobrevoos e ressaltam a importância de renovar os dados de população do golfinho no Brasil.

— O trabalho precisa ter continuidade. Estamos atuando desde 2004 e já fizemos estimativas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Porém, quanto mais voarmos, mais sólidos serão os números — explicou Danilewicz. — A toninha é difícil de ser vista. É um golfinho pequeno e vive em água turva, perto do desagüe de rios.

Cariocas se mobilizam pela toninha

O GLOBO promove uma campanha de preservação das toninhas e limpeza das praias. O trabalho é feito em parceria com a Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz e conta com o apoio da ONG WWF-Brasil. Uma página na internet foi criada para reunir informações sobre o golfinho (<http://www.querovertoninha.com.br/>).

Entre as atividades, há o concurso de cartazes “Quero ver Toninha”. A obra do vencedor ficará lado a lado dos cartazes sobre sustentabilidade, feitos pelos 30 maiores designers do mundo, que participarão da exposição Glob-All Mix, com curadoria do designer Felipe Taborda, no Planetário da Gávea, de 10 de junho a 10 de julho.

A coleção, com os 31 trabalhos, será distribuída pelo Itamaraty como presente oficial para os chefes de Estado e representantes de delegações estrangeiras que participarão da Rio+20.

URL: <http://glo.bo/KGj5hz>

Notícia publicada em 24/05/12 - 8h06 | Atualizada em 24/05/12 - 8h17 | Impressa em 24/05/12 - 10h13